

### **RODA DOS EXPOSTOS: DO ABANDONO SOCIAL HISTÓRICO À VULNERABILIDADE AFETIVA DE CRIANÇAS NA ATUALIDADE**

**EXPOSED WHEEL: FROM THE HISTORICAL SOCIAL NEGLECT TO THE  
EMOTIONAL VULNERABILITY OF CHILDREN TODAY**

*Vanderlei Alberto Schach<sup>1</sup>*

#### RESUMO

Este breve artigo trata de crianças órfãs ou abandonadas pelos pais ou pela mãe. Descreve-se um pouco da história de abandono da criança na Roda dos Expostos e suas consequências para as crianças e também para a sociedade. Ao descrever a história, pretende-se mostrar como as crianças eram abandonadas nas Rodas e como ainda o são atualmente. Mesmo com a extinção das Rodas, a prática do abandono não foi totalmente desprezada. Novos métodos de abandono mantêm a prática, que dificilmente poderá ser totalmente erradicada sem a total valorização da criança como ser humano.

**Palavras-chaves:** Criança. Roda dos Expostos. Abandono.

#### ABSTRACT

This short article deals with children orphaned or abandoned by their parents or mother. It describes some of the child's abandonment of history at the wheel of Exposed and its consequences for children and also for society. In describing the history, aims to show how the children were abandoned on Wheels and as they still

---

<sup>1</sup>O autor é bacharel em Teologia, mestre (Bíblia) e doutor em Teologia Prática, pastor, professor na Faculdade Batista Pioneira e articulista do blog Mãos Dadas. E-mail: vanderleischach@yahoo.com.br

are today. Even with the extinction of the wheels, the practice of abandonment was not entirely abandoned. New abandon methods that maintain the practice and can hardly be eradicated without the full appreciation of children as a human being.

**Keywords:** Child. Wheel Exposed. Abandonment.

## INTRODUÇÃO

No primeiro ponto deste artigo tratarei sobre a origem da Roda dos Expostos no continente europeu; a forma como as crianças eram abandonadas e ainda as tentativas de fazer com que estas crianças sobrevivessem de alguma forma. No segundo, abordarei a Roda dos Expostos no Brasil, seu surgimento e a preocupação de alguns segmentos da sociedade em dar um destino e futuro certo às crianças abandonadas nas Rodas. Por último, com o surgimento da filantropia e, a partir dela, a legalidade das Rodas, questionarei se estas eram a única forma de ajudar as crianças ou se até mesmo a prática do aborto era preferível a elas. Neste ponto, além do debate sobre a legalidade da Roda, também descreverei as formas de extinção, se é que se pode afirmar isso, ou se ela apenas foi adaptada para o contexto social atual.

Este artigo não é uma descrição aprofundada, a ponto de esgotar o assunto, mas um panorama com os principais aspectos para que tenhamos uma percepção da situação histórica da criança órfã, principalmente no Brasil. Portanto, também serve para instigar futuras pesquisas sobre a condição da criança.

O Brasil contemporâneo tem uma população de 190.732.694 pessoas, segundo dados do censo de 2010. Essa população está distribuída em 5.565 municípios espalhados por todo país numa extensão geográfica de 8.515.767,049 quilômetros quadrados.<sup>2</sup> O estado de São Paulo - que tem uma das maiores cidades do mundo - conta com uma população estimada (2013) de 43.663.669 habitantes, apresentando uma densidade demográfica de 166,23 habitantes por quilômetro quadrado.<sup>3</sup> O país ocupa o 6º lugar na economia mundial. Somente estes números já mostram a complexidade do Brasil. Nessa complexidade vivem quase cinquenta milhões de crianças de zero a quatorze anos de idade. Luis Bush afirma que, destes, 3.700.000 são órfãos, conforme dados do UNICEF.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

<sup>3</sup> IBGE. São Paulo. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=sp>>. Acesso em: 30 abr. 2014.

<sup>4</sup> BUSH, Luis. Levantando uma nova geração na janela 4/14 para transformar o mundo. Tradução de Fabio Coutinho. [S.l.:s.n.], 2010. p. 41.

## I. ÓRFÃOS NA RODA DOS EXPOSTOS

Apenas a título de contextualização, antes de falar sobre os órfãos no Brasil faço um breve apanhado da orfandade na Europa e do local onde os órfãos eram abandonados. Foi em Roma, já na Idade Média Baixa, que foi criada a Roda dos Expostos. A razão foi o grande número de bebês encontrados mortos ou abandonados. A Roda foi criada por uma Irmandade de Caridade, que igualmente organizou em um hospital um sistema de proteção às crianças abandonadas.

Conforme Jussara Gallindo, a “roda se refere a um artefato de madeira fixado ao muro ou janela do hospital, no qual era depositada a criança, sendo que ao girar o artefato a criança era conduzida para dentro das dependências do mesmo, sem que a identidade de quem ali colocasse o bebê fosse revelada”.<sup>5</sup> Após colocar a criança e girar a roda, a pessoa puxava uma corda acionando uma sineta que avisava a vigilante ou a rodeira que uma criança havia sido abandonada; depois, a pessoa retirava-se furtivamente do local sem ser reconhecida. É assim que pensa a maioria dos historiadores da área. Conforme Marcílio, a primeira preocupação dos responsáveis pela roda era batizar a criança. Logo depois, ela era encaminhada para uma ama de leite, que a amamentava e criava.<sup>6</sup>

Ao fazer um estudo um pouco mais acurado, descobri que na Roda também eram depositadas crianças que tinham pais. Pesquisadora do assunto, Maria Luíza Marcílio apresenta dados de estudos recentes que têm mostrado os seguintes dados: no “Hospital de Saint-Yves, em Rennes (França), entre 1730 e 1750, apenas 1,4% dos expostos entrou anonimamente; dos restantes 23% eram legítimos e 76%, ilegítimos”. Em “Saint-Malo, Bretanha, na mesma época, apenas 1% dos expostos entrou anonimamente. Dos demais, 31% eram legítimos e 59%, ilegítimos”. Da mesma forma, em “Paris, Lallemand estimou, para 1760, em 15% os bebês legítimos entrados no hospital dos expostos”.<sup>7</sup> Outro dado ainda mostra que no “início do século XVIII, 13% das crianças deixadas na Inclusa de Madrid eram legítimas; em meados desse século, essa proporção elevou-se para 49%, tendo caído para 32% em 1800”.<sup>8</sup>

A partir destes dados podemos concluir que nem toda criança era ilegítima ou órfã de ambos os pais: havia boa parcela de crianças que tinham pais. Devido

<sup>5</sup> GALLINDO, Jussara. *A roda dos expostos*. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_roda\\_dos\\_expostos.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_roda_dos_expostos.htm)>. Acesso em: 29 abr. 2014.

<sup>6</sup> MARCÍLIO, Maria Luíza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 57.

<sup>7</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 64. Ainda segundo Marcílio, “na França a roda era chamada de *Tour*; na Espanha, de *Torno*; na Itália, de *Ruota* ou *Torno*; e na Inglaterra, *Wheel*” (MARCÍLIO, 1998, p. 57).

<sup>8</sup> SHERWOOD, 1988 apud MARCÍLIO, 1998, p. 64.

à situação econômica, pais que não tinham condições de sustentar seus filhos colocavam-nos na Roda dos Expostos. Para estes pais, era preferível dar à criança um destino ignorado a deixá-las abandonadas morrendo de fome. Maria Antonieta Pisano Motta propõe que o termo “abandono” seja substituído por “entrega”, pois abandono “revela uma postura preconceituosa e paradoxal em relação à mãe que ‘desiste’ de criar seu filho”.<sup>9</sup> Já naquela época havia por parte de alguns pais o que Hália Pauliv de Souza denomina “doação por amor”.<sup>10</sup> Esse tipo de entrega para adoção atualmente também é incentivado pelo Estatuto da Criança e Adolescente, o ECA (veja art. 38ss.).

Em Londres, a entrega de bebês continuava aumentando rapidamente. Para amenizar esta trágica situação, no ano de 1739 o filantropo Thomas Coram obteve autorização para abrir e manter um asilo para quatrocentas crianças. Aos trinta anos de funcionamento, o asilo abrigava seis mil bebês.<sup>11</sup>

Ainda conforme os estudos de Marcílio, o crescente aumento de bebês colocados nas Rodas europeias fez com que o Estado buscasse soluções para a nova realidade. Enquanto as soluções estavam sendo encaminhadas pelo Estado, os hospitais dos expostos enfrentavam grandes dificuldades para amamentar os bebês. Eles dependiam de amas de leite, que nunca eram suficientes para a crescente demanda.

Contudo, o “banco de leite” da época era composto por duas categorias de amas: as internas e as externas. As amas internas, normalmente em reduzido número, cuidavam e amamentavam as crianças desde o momento da entrada até que eram distribuídas para as amas de leite de fora. Estas amamentavam, se ainda necessário, e criavam as crianças em suas próprias casas. Com a idade de sete anos as crianças já eram encaminhadas para uma família na qual poderiam aprender uma profissão, e trabalhavam para ganhar comida e pouso.<sup>12</sup>

De forma geral, a recompensa financeira por ser ama de leite era irrisória. Em sua maioria as amas eram provenientes das classes mais baixas, carentes e ignorantes da sociedade. Não tinham princípios de higiene e nem orientação para cuidar de bebês. Quase sempre eram camponesas casadas e viviam longe das Rodas. Elas mesmas se apresentavam como amas ou então os bebês eram levados até elas por *meneurs*, que eram condutores remunerados de crianças. Nesse caso, os bebês chegavam até

<sup>9</sup> MOTTA, Maria Antonieta Pisano. *Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 41-42.

<sup>10</sup> SOUZA, Hália Pauliv de. *Adoção é doação*. Curitiba: Juruá, [s.d.]. p. 61.

<sup>11</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 65.

<sup>12</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 66.

a ama em situação de saúde precária. Muitos não resistiam à fadiga da viagem e já chegavam mortos ou então morriam poucas horas depois.<sup>13</sup>

Alguns relatos nos contam como eram essas viagens. Maurice Garden relata que em certa ocasião, uma parteira incumbiu-se de levar seis crianças numa pequena carroça e na viagem cochilou, perdendo um dos bebês. Ele caiu e morreu esmagado pelas rodas da carroça. Outro relato diz respeito a um *meneur* que estava transportando sete recém-nascidos e perdeu um deles na estrada, sem perceber. Houve ainda uma senhora idosa com três bebês que não sabia a quem deveria entregá-los.<sup>14</sup> Os fatos narrados mostram o descaso a que as crianças abandonadas eram submetidas. Com essa noção, ainda que breve, agora pode-se adentrar na história da infância brasileira.

## 2. ÓRFÃOS NA RODA BRASILEIRA

A história de abandono de crianças no Brasil é antiga e nem sempre se deve a motivos econômicos. Os indígenas não costumavam abandonar seus filhos. Portanto, a adoção foi introduzida no país pelos europeus. Com a colonização, foram introduzidas no Brasil leis e instituições de proteção à criança abandonada. Segundo Cápua, a proteção foi feita ainda nos moldes medievais.<sup>15</sup>

Especificamente para os meninos órfãos, os Juizes de Órfãos, orientados pela lei das Ordenações do Reino, eram responsáveis por essas crianças. Eles deveriam conseguir um destino adequado para elas. As autoridades das Rodas faziam o possível para colocar os órfãos em famílias, o que nem sempre acontecia a contento. Os órfãos não passavam totalmente despercebidos. O ministro dos Negócios do Império reconhecia a situação dos órfãos. Em seu relatório de 1844, falou das crianças expostas que voltavam das casas das amas “os quais ficam abandonados a si mesmos, quando são meninos e chegam à idade de 8 anos, e quando são meninas à de 10 e 12 anos, por falta de edifício de Recolhimento”.<sup>16</sup>

Após a criação da Casa dos Expostos em Educação, junto à Roda de Salvador, os meninos passaram a ser encaminhados para lá, onde deveriam permanecer até aproximadamente os doze anos de idade. A Casa exauria todos os esforços para que os meninos encontrassem uma família onde pudessem trabalhar e serem cuidados.

<sup>13</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 66.

<sup>14</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 66.

<sup>15</sup> CÁPUA, Valdeci Ataíde. *Adoção internacional: procedimentos legais*. Curitiba: Juruá, 2009. p. 75.

<sup>16</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 179-180.

“O pequeno Cirilo de Matos, por exemplo, que entrara na Roda em 29 de janeiro de 1849, voltou da casa da ama com oito anos, e foi direto para aquela casa”. O mesmo menino, com nove anos “foi entregue ao Sr. José Henrique do Sacramento, que lhe ensinaria o ofício de marceneiro, em sua casa”.<sup>17</sup>

Assim era a vida dos meninos órfãos. Depois de recebidos na Roda, eram encaminhados a uma ama. Esta os alimentava e devolvia para a Casa dos Expostos, onde ficavam aguardando serem aceitos por uma família que lhes ensinasse uma profissão e lhes desse alimentação e segurança.

A partir do final do século XVIII surgiram iniciativas de caráter caritativo para amparo dos meninos expostos. Podemos citar o exemplo de criação de seminários no regime de internato; porém, pouco foi realmente efetivado nesse sentido. A Casa Pia e Seminário de São Joaquim, na cidade de Salvador, foi a primeira instituição do gênero de que se tem conhecimento. A Casa entrou em funcionamento no final do século XVIII como instituição criada para cuidar e ensinar meninos órfãos. Essa instituição dispunha de um projeto pedagógico profissionalizante.<sup>18</sup>

Um pouco da história da Casa é contada no relatório anual do presidente da província da Bahia em 1845:

É esse útil estabelecimento obra de Joaquim Francisco do Livramento, membro de uma família distinta, que ainda existe em Santa Catarina, o qual em 1799 deu princípio a um pequeno asilo de caridade, que a seu pedido foi autorizado por carta Régia de 17/10/1803. Essa casa foi socorrida pelo corpo de comércio em 1819, com as sobras das despesas feitas nos festejos da Aclamação ao Sr. D. João VI. O mesmo corpo pediu e teve a doação do edifício e terras do noviciado dos jesuítas.<sup>19</sup>

Chama a atenção o fato de o então presidente da província da Bahia ter mencionado que as sobras dos festejos da aclamação de Dom João VI serviram para socorrer a Casa Pia. Se com as sobras (já naquela época) a Casa foi socorrida, pode-se imaginar o quanto de recursos financeiros o Estado possuía ou possui e que poderiam ser investidos em melhorias sociais.

Irmão Joaquim, como ficou conhecido na Bahia, passou a dedicar sua vida a viajar pelo Brasil exercendo a caridade. Ao andar pelas ruas de Salvador, viu grande quantidade de meninos abandonados. Comovido com as cenas, Irmão Joaquim obteve um atestado, assinado pelo juiz-de-fora, pelos vereadores e pelo procurador do senado

<sup>17</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 180.

<sup>18</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 180.

<sup>19</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 180.

da Câmara, em 16 de março de 1796. O mesmo comprovava “que era grande a quantidade de meninos órfãos e desvalidos que vagavam pelas ruas a mendigar, sem nenhuma educação, sendo todos dignos da consideração da rainha”. Joaquim havia constatado que era necessário estabelecer um hospital público e um seminário para inocentes. Depois de insistentes pedidos, obteve da rainha Dona Maria I (1799) a autorização para construir o seminário de órfãos.<sup>20</sup>

O orfanato prosperou e após quatro anos, em 16 de julho de 1803, recebeu um atestado do Cabido da Catedral Metropolitana que confirmava os cuidados administrativos de Joaquim com os donativos e esmolos que recebia. Irmão Joaquim recolhia os órfãos e, com a ajuda de um sacerdote, instruía-os na doutrina cristã. As primeiras letras eram ensinadas com um professor pago. Terminada a aprendizagem fundamental, eram encaminhados às casas dos mestres de ofício, onde aprendiam uma profissão. Assim, o orfanato recebeu o atestado que comprovava sua utilidade pública.<sup>21</sup>

Os meninos eram admitidos entre os sete e nove anos e poderiam permanecer até os dezoito. Havia um acordo entre a Roda dos Expostos da Misericórdia e o orfanato. A Roda recebia o valor que custava cada menino no orfanato. Em 1871, foi constatado que os mestres de ofício exploravam os meninos, não lhes ensinando os ofícios devidamente. Esse fato fez com que o orfanato criasse suas próprias oficinas de aprendizado de ofícios.<sup>22</sup>

Outros seminários foram surgindo. No Rio de Janeiro foi instalado o Seminário de Santo Antônio do Rio de Janeiro para meninos carentes que, entre 1751 e 1850, recebeu 117 educandos, sendo dezoito expostos. Esse seminário tinha como objetivo a preparação de jovens para a função sacerdotal. Ainda no Rio, foi criado o Seminário de São Joaquim do Rio de Janeiro. Os meninos admitidos deveriam ter entre sete e onze anos. O seminário contava com um professor para alfabetização, um para desenho e um para matemática. Por último havia os mestres de ofício. Depois de aprenderem um ofício, os meninos deveriam aprender o jogo de armas e o exercício e manejo das Guardas Nacionais. Esse seminário já contava com oficinas de torneiro, entalhador, litógrafo, abridor e outros.<sup>23</sup>

Em São Paulo, no momento da criação da Roda dos Expostos as autoridades simultaneamente criaram seminários para meninos e meninas quando estes voltassem

<sup>20</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 181.

<sup>21</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 181.

<sup>22</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 182.

<sup>23</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 182-183.

das casas de criação ou de amas. Assim, em 1824 foram criados dois seminários: o da Glória, para meninas, e o de Santana, para meninos, ambos com internato.

Segundo Marcílio, “não temos notícia de outras casas criadas no período colonial para abrigar e educar meninos. Elas surgiram e se multiplicaram no século XIX, particularmente a partir da segunda metade, como resultado de uma nova fase e de uma nova mentalidade da assistência social: a fase da filantropia”.<sup>24</sup> Contudo, diante do crescimento do número de meninos abandonados nas ruas de centros urbanos maiores, o governo da regência pressionava os juizes de órfãos a “desempenharem realmente e não *pro forma*, o honroso encargo de Juiz e de Pai desses desvalidos concidadãos”.<sup>25</sup>

A grande mudança que vai surgir neste momento é a “introdução da prática profissional” para os meninos. O governo cria oficinas próprias para o ensino aos órfãos que concluem o ensino elementar. Eles devem adquirir o “hábito do trabalho, em um ofício com o qual passam a tornar-se úteis a si e à sociedade”, dizia, em 1849, o presidente da província da Bahia em seu relatório anual. Um ano mais tarde, em um balanço realista sobre a assistência que se prestava aos expostos, o presidente dizia:

Na Roda ‘recebe-se um exposto e cuida-se dele até os três anos, findos os quais nada mais se dispõem...’ No colégio de São Joaquim ‘recolhe-se um órfão, e depois de saber ler e escrever, talvez um pouco mais de desenho, e nunca o conveniente aos ofícios mecânicos e à agricultura, é entregue a algum Mestre, e não se sabe mais dele...’. Quanto às meninas, ‘recolhe-se uma órfã, ou uma exposta, que acaba seus dias sem vantagem alguma para a sociedade’.<sup>26</sup>

As medidas assistenciais caritativas no Brasil Colônia descritas até aqui baseavam-se mais na intuição do que em uma mudança de estrutura social. Tentativas mais concretas para criar um projeto de assistência à criança desamparada e que atacasse também as causas do desamparo somente começaram a aparecer por volta de 1850. Segundo Marcílio, “a criação das Casas de Educandos Artífices no ano de 1855, em quase todas as províncias, representou o primeiro passo. Ensaivava-se, então, a implementação de uma assistência filantrópica, que se queria ‘científica’”.<sup>27</sup>

Nesta fase de assistência caritativa, além dos seminários para órfãos e expostos criou-se mais uma tentativa para dar assistência a essa classe excluída da sociedade. Eram as instituições criadas pelo Alvará Régio de 24 de março de 1774 e que somente

<sup>24</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 183.

<sup>25</sup> Coleção de Leis do Império. 1833. Decisões do Governo, nº 714. In: MARCÍLIO, 1998, p. 183.

<sup>26</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 184.

<sup>27</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 184.

seriam implementadas no final do século XVIII. D. Maria ofereceu oportunidades de profissionalização de meninos em todo Brasil. Para efetivar essa profissionalização foram criados setores de aprendizado nos trens de guerra e nas instalações da Marinha, como já havia sido feito em Portugal, com os chamados Colégios da Intendência. Assim foram criadas as Companhias de Aprendizizes Marinheiros e posteriormente as Companhias de Aprendizizes do Arsenal de Guerra.<sup>28</sup>

No Rio Grande do Sul a construção do Arsenal de Guerra se deu em 1774. O então governo provincial autorizou no ano de 1837 a criação de uma Escola de Artes Mecânicas. Esta estava ligada ao Exército para poder atender à população infantil desvalida, a partir dos dez anos. O primeiro Regulamento do Arsenal de Guerra de Porto Alegre foi concebido em 1848 e admitia meninos às custas de recursos financeiros da província do Rio Grande do Sul. Nele podiam ser admitidos meninos pobres, órfãos, meninos de rua e os expostos.<sup>29</sup>

Porém, em 1899 foram extintas todas as Companhias de Aprendizizes Artífices dos Arsenais da Guerra. Os meninos aprendizes foram incorporados às Escolas de Aprendizizes da Marinha por decreto do presidente da República. A partir de 1910, a Companhia de Aprendizizes de Guerra passou a ter o objetivo de formar trabalhadores para os arsenais de Guerra e preparar cabos e sargentos para o Exército. Mesmo assim, as Escolas do Exército continuaram admitindo menores carentes e órfãos. Em meados do século XIX, novamente a situação dos meninos expostos, particularmente os criados pela Santa Casa de Misericórdia, exigia novas soluções. Por esse tempo, o Brasil passava por profundas transformações sociais, dessa vez com uma maior sensibilização para as questões do menor. Já se percebia que havia a necessidade de novas metodologias de assistência social. Conforme Marcílio, “a filantropia ensaiava, então, os primeiros passos no país”.<sup>30</sup>

Especificamente na capital gaúcha, o professor e médico Mário Totta (1874-1947), fundador da Maternidade da Santa Casa que hoje leva seu nome, sempre se opôs à prática da Roda. Em relação a ela expressou-se da seguinte forma:

Por este buraco foram jogadas à vala, na mais clamorosa e injusta das expiações, centenas e centenas de infelizes recém-nascidos. Os frutos do amor ilícito. A ‘roda’ era o manto da misericórdia que acolhia os desgraçados espúrios e, no mesmo passo, era a mão de ferro destinada a tapar a boca da maledicência e a

<sup>28</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 184-185.

<sup>29</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 188-189.

<sup>30</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 189-190.

evitar o zum-zum do escândalo. Foi o cofre que guardou para sempre, em sigilo inviolável, o epílogo de grandes dramas. Os 'enjeitadinhos' eram, na sua maioria, trazidos altas horas da noite, enrolados num trapo que, às vezes, ainda vinha salpicado de sangue gotejando do cordão umbilical atado às pressas, na ânsia de dar sumiço ao intruso. Alguns traziam num pedaço de papel a indicação de um nome vago: João, Maria... Antônio... Outros nem isso... Eram passageiros clandestinos atirados à praia do esquecimento.<sup>31</sup>

Em seus relatórios, Dr. Mário Totta contabilizou uma média anual de quarenta crianças expostas na Roda da Santa Casa. Inexplicavelmente, no ano de 1876 esse número subiu para 196 crianças, sendo que aproximadamente trinta foram tratadas no hospital da Santa Casa. As demais foram parar nas mãos de amas criadeiras, crianças também expostas que, uma vez adultas, eram requisitadas para cuidar dos bebês. Ganhavam a quantia mensal de dez mil réis para perpetuar o estigma de filhos enjeitados. Quando a criança atingia dezoito meses era entregue para adoção. Caso esta não viesse a se concretizar, a criança voltava para as amas.

Os meninos, a partir de sete anos, e as meninas, a partir de oito, recebiam alguns poucos trocados para vestimenta. As demais necessidades dependiam da própria sorte. A educação para esses órfãos era privilégio raro. Nesse caso, a exceção é a órfã Luciana de Abreu (1847-1880), educadora e escritora. Ela foi colocada na Roda e adotada por um casal sem filhos logo após seu nascimento. O amor dedicado pelos pais adotivos, mais a capacidade pessoal, fizeram dela uma intelectual que se destacou no meio porto-alegrense. Luciana alcançou uma vida brilhante, mesmo tendo falecido com apenas 33 anos de idade, vitimada por tuberculose.<sup>32</sup>

Em Porto Alegre, no início da década de 1940 cessou o funcionamento da Roda dos Expostos. Com isso muitas crianças não chegavam nem a nascer. O médico Mário Totta havia detectado um acentuado declínio no número de crianças abandonadas. Atribuiu tal situação ao que chamou de "fábrica de abortos". O próprio médico justificou a sua afirmação:

[...] funcionando às escancaras e sem peias, começaram a desmoralizar a Roda, acabando por vencê-la na concorrência.

<sup>31</sup> TOTA, Mário. In: SILVA, Marilda Almeida da. *Medicina em Ijuí: fragmentos de uma história e seus personagens (1890-1965)*. Porto Alegre: Pacartes, 2012. p. 89-90.

<sup>32</sup> SILVA, 2012, 90-91. Luciana foi a primeira mulher no Brasil a ser convidada a integrar uma Sociedade Literária, no caso, a Sociedade Parthenon Literário. Foi também a primeira mulher a conquistar uma tribuna para expor suas ideias, entre as quais a emancipação da mulher. Em Porto Alegre, no bairro Moinhos de Vento, há uma rua com seu nome.

As fábricas são mais acessíveis, mais destemerosas, mais de acordo com os tempos atuais e, além disso, não deixam que se exteriorizem aos olhos argutos os sinais de culpa. O fruto é destruído ainda muito verde.<sup>33</sup>

Os órfãos e enjeitados eram depositados na Roda dos Expostos e recolhidos por pessoas que os cuidavam, amamentavam, criavam e entregavam para adoção. Alguns aprendiam algum ofício, hoje chamado de profissão. Alguns eram bem-sucedidos, mas eram casos raros, como o de Luciana de Abreu. Ela recebeu amor de seus pais adotivos e essa atitude, apesar de seu passado, fez com que superasse todas as mazelas sociais e enfrentasse a vida com um objetivo: causar uma transformação social para alívio das crianças.

Assim termina a triste história dos enjeitados na Roda dos Expostos, onde crianças eram expostas no anonimato. Seus pais não queriam aparecer, por medo dos comentários ou devido à vergonha para as famílias consideradas “direitas”. Ao longo da descrição deste item, percebemos que o cuidado com os órfãos evoluiu lentamente. As formas de praticar assistência social foram sendo melhoradas de acordo com a demanda, tentando atacar também as causas e não somente as consequências.

### 3. A RODA DOS EXPOSTOS EM DEBATE E SUA EXTINÇÃO

Com a chegada da filantropia, abre-se o debate sobre a moralidade das Rodas dos Expostos. O debate, que dura até o início do século XX, trouxe à tona duas concepções distintas de assistência ao órfão e à criança abandonada: “a caritativa tradicional e a filantrópica”.

Muitos médicos e juristas começaram, de forma tímida, a se posicionar contra a continuação das Rodas. Temiam que males maiores pudessem acontecer aos enjeitados. Em suas teses, médicos jovens que saíam das duas faculdades de Medicina mais defendiam a Roda do que a condenavam. Consideravam-na um mal menor, pois impedia o infanticídio e o aborto. Em meados do século XIX, o Dr. Manuel Veloso Paranhos Pederneiras defendia a Roda como mantenedora da ordem social, além de proteger a inocente donzela por ter sido arrastada a um momento de fraqueza.<sup>34</sup>

Porém, o pensamento dos médicos e juristas começou a mudar a partir dos debates

<sup>33</sup>SILVA, 2012, p. 91.

<sup>34</sup>MARCÍLIO, 1998, p. 196-198.

produzidos na Europa e a consequente condenação da Roda. O debate intensificou-se quando os médicos descobriram o alto índice de mortes que foram atribuídas imediatamente às amas mercenárias e despreparadas. Também perceberam que uma das causas da mortalidade infantil estava vinculada à inexperiência das mães biológicas. Para que a criança permanecesse na família era necessário instruir as mães e fortalecer a família. Para Marcílio, “esse item, que já fazia parte da ideologia filantrópica, fez com que a educação da mulher passasse a ser considerada como fator primordial para a boa formação das novas gerações e a prevenção do crime e do abandono”.<sup>35</sup>

No dia 16 de abril de 1882, em um ato público, a alta cúpula da Santa Casa da Bahia se reunia para o lançamento da pedra fundamental da casa destinada à criação dos expostos até que estes completassem três anos de idade. A ação conjunta de médicos e juristas para extinção da Roda ganhou ainda mais força na década de 1920. Eles conseguiram a extinção das Rodas de todo o Brasil por meio do Código de Menores de 1927. Em seu artigo 15, este reza que: “A admissão dos expostos à assistência se fará por consignação direta, excluído o sistema das Rodas”.<sup>36</sup> Contudo, as Rodas não acabaram imediatamente.

Em 1932, o médico provedor da Santa Casa de São Paulo escrevia em seu relatório: “Instituída em 1471, quando em Roma se reformava o Hospital do Espírito Santo, sob o fundamento de que era preciso facilitar o abandono da criança para guardar o maior sigilo sobre a sua origem e coibir os infanticídios, a Roda é um instrumento inadmissível para os nossos dias”. O médico defendia a tese de que um escritório de atendimento público, mas sigiloso para o expositor, seria mais eficaz para a sobrevivência dos expostos. Quando questionado sobre os infanticídios ele argumentava a partir da experiência de outros países, como a França, que tinham chegado a conclusões exatamente opostas. Ainda em outro longo e erudito relatório, no mesmo ano, o médico que era mordomo dos expostos da Santa Casa de São Paulo relata que a “Roda não trazia benefícios nem para as crianças, nem para as mães, nem para a família, nem para a sociedade”. Assim, para os “filantropos, a supressão da Roda era uma questão social, humanitária e científica”.<sup>37</sup>

Com a extinção da Roda, crescia a concepção de que a família - ou ao menos a mãe - era fundamental para o desenvolvimento da criança, nos sentidos físico,

<sup>35</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 198.

<sup>36</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 199.

<sup>37</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 199-200.

psicológico, social e afetivo.<sup>38</sup> Ainda antes da extinção da Roda já se discutia como ajudar a preparar a mãe para que ao final da gestação ela não abandonasse a criança.<sup>39</sup>

É digno de nota que é a primeira vez na história brasileira que a criança começa a ser vista como um ser humano integral, já merecendo ser cuidada desde a concepção, por meio da preparação da mãe. Percebe-se, a partir das citações acima, que a criança tem a necessidade de estar inserida em uma família que a proteja e eduque.

Assim como aconteceu com a escravidão, o Brasil foi o último país ocidental a abolir o sistema da Roda dos Expostos, na década de 1950. As únicas duas Rodas do mundo em funcionamento estavam na Bahia e em São Paulo. A última foi para o Museu da Santa Casa, onde ainda permanece para que todos possam ver o sistema cruel que perdurou por mais de duzentos anos.<sup>40</sup>

Mas, ao que parece, a crueldade com as crianças não acabou, apenas foi modernizada. Um novo método de Roda está surgindo. É uma casinha com uma caixa onde o bebê é colocado. Não se puxa mais uma cordinha da sineta, mas uma campainha elétrica é acionada para informar que uma criança foi depositada na caixa anonimamente. Segundo o presidente da Aldeia da Fraternidade, Alfredo Fedrizzi, a “primeira caixa de bebês foi instalada na Alemanha, em 1999”. A partir daí, aproximadamente 200 *baby boxes* foram instaladas em onze países europeus. A Alemanha está em primeiro lugar com 99; na Polônia há 45, na República Checa, 44; na Hungria, 26; na Eslováquia, 16 e na Itália e na Lituânia há 8. Países como Canadá, Holanda, Bélgica, Suíça, Malásia e Vaticano tem uma dessas casas.<sup>41</sup> Em outras palavras, é possível dizer que a Roda dos Expostos não foi totalmente extinta, mas *aperfeiçoada* para aliviar a consciência de quem abandona.

## CONCLUSÃO

Tanto o relato histórico de abandono das crianças como as atuais formas, consideradas modernas pelos adultos mas não pelas crianças, apontam para o fato de que a humanidade evoluiu pouco em relação às questões de cuidado e proteção da criança. Seja como for a forma de abandono, ela continua acontecendo - muitas vezes por necessidade, negligência ou por outros motivos.

<sup>38</sup> Há dois mil anos atrás o Dr. Lucas, o médico amado, já escreveu em seu Evangelho: “Jesus ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2.52). No contexto dessa citação, os pais de Jesus aparecem procurando-o preocupados. A preocupação deles mostra senso de proteção e cuidado por ele.

<sup>39</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 200.

<sup>40</sup> MARCÍLIO, 1998, p. 201.

<sup>41</sup> FEDRIZZI, Alfredo. Bebês abandonados. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, p. 22, 9 jan. 2014.

A descrição da Roda dos Expostos apontou a falta de consideração pela criança, seja na Europa ou no Brasil, há dois ou três séculos passados ou na atualidade. A complexidade da criança abandonada transparece no que diz respeito a cuidados de alimentação, vestuário e saúde, além de carências afetivas. Da mesma forma também transpareceu a falta de preparo dos “cuidadores” de crianças da época.

Atualmente, a criança vive em um mundo em que as regras são ditadas pelos adultos, complexificando a vida da criança. Muito mais ligada a questões emocionais do que materiais, a criança de hoje exige um preparo especial dos educadores, sejam eles pais ou professores nas escolas. O ser humano tem seus conflitos naturais em cada fase do seu desenvolvimento físico, emocional e espiritual. Quando estes conflitos não são devidamente trabalhados, podem fazer com que a criança se torne violenta, na família ou na escola. Surge então uma indagação: as universidades brasileiras estão conseguindo preparar educadores a partir das necessidades da criança ou são preparados a partir da ótica adulta, encomendada pelo mercado de consumo?

A partir da Roda, as crianças eram transportadas por mulheres às amas de leite ou a uma família adotiva, muitas vezes sem as condições mínimas necessárias para tal. Eram movidas pela recompensa financeira, embora esta fosse quase que irrisória, e ao mesmo tempo por uma necessidade de sobrevivência, tanto das mulheres transportadoras quanto das crianças transportadas. Mesmo parecendo o mal menor, o transporte de crianças não envolvia afetividade, característica indispensável para o desenvolvimento de uma criança.

Atualmente, o educador ou cuidador pode apenas suprir as necessidades físicas e materiais, mas dificilmente as emocionais. Com a atual desconstrução do tradicional modelo familiar, este fato fica ainda mais evidente. A criança de hoje é carente de afeto, carinho e amor. As novas construções e configurações familiares não atendem todas as necessidades afetivas da criança, tornando-a uma criança exposta não nos moldes da Roda dos Expostos (com carências materiais), mas da falta de afetividade e atenção para suas necessidades.

Aqui ainda cabe incentivar a adoção de crianças órfãs, abandonadas ou destituídas, não como aquela praticada com crianças que eram advindas das Rodas, mas uma adoção que ofereça para a criança uma família. Muitos casais que não conseguem ter filhos às vezes apelam para a adoção no sentido de ter uma criança para a família e que tem como motivação inicial satisfazer as necessidades da família. Porém, a forma mais correta de praticar a adoção é oferecer uma família para a criança para que esta possa usufruir das bênçãos do sentimento de pertença.

## REFERÊNCIAS

- BUSH, Luis. **Levantando uma nova geração na janela 4/14 para transformar o mundo**. Tradução de Fabio Coutinho. [S.l.:s.n.], 2010.
- CÁPUA, Valdeci Ataíde. **Adoção internacional: procedimentos legais**. Curitiba: Juruá, 2009.
- FEDRIZZI, Alfredo. Bebês abandonados. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, p. 22, 2014.
- GALLINDO, Jusara. **A roda dos expostos**. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_roda\\_dos\\_expostos.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_roda_dos_expostos.htm)>. Acesso em: 29 abr. 2014.
- IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 30 abr. 2014.
- IBGE. São Paulo. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=sp>>. Acesso em: 30 abr. 2014.
- MARCÍLIO, Maria Luíza. **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MOTTA, Maria Antonieta Pisano. **Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção**. São Paulo: Cortez, 2001.
- SOUZA, Hália Pauliv de. **Adoção é doação**. Curitiba: Juruá, [s.d.].
- TOTTA, Mário. In: SILVA, Marilda Almeida da. **Medicina em Ijuí: fragmentos de uma história e seus personagens (1890-1965)**. Porto Alegre: Pacartes, 2012.